

## O ASTRÓLOGO\*

Nunca houve talvez nesta boa cidade quem melhor empunhasse a vara de almotacé<sup>1</sup> que o ativo e sagaz Custódio Marques, morador defronte da sacristia da Sé durante o curto vice-reinado do Conde de Azambuja.<sup>2</sup> Era homem de seus quarenta e cinco anos, cheio de corpo e d'alma,<sup>3</sup> – a julgar pela atenção e fervor com que desempenhava o cargo, imposto pela vereança da terra e pelas leis do Estado. Os mercadores não tinham mais figadal inimigo do que esse olho da autoridade pública. As ruas não conheciam maior vigilante. Assim como uns nascem pastores e outros príncipes, Custódio Marques nascera almotacé; era a sua vocação e apostolado.

Infelizmente, como todo o excesso é vicioso, Custódio Marques, ou por natureza, ou por hábito, transpôs a fronteira de suas atribuições, e passou do exame das medidas ao das vidas alheias, e tanto curava de pesos como de costumes. Dentro de poucos meses, tornou-se o maior indagador e sabedor do que se passava nas casas particulares com tanta<sup>4</sup> exação e individuação, que<sup>5</sup> uma sua comadre, assídua devota do Rosário, apesar da fama longamente adquirida, teve de lhe ceder a primazia.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: JF (1876, n. 11, p. 331-335; 1876, n. 12, p. 353-355; e 1877, n.1, p. 11-13), RCV1937 (v. 2, p. 77-94) e RCV1938 (v. 2, p. 77-94). Texto-base: JF. Editores: José Américo Miranda, Gilson Santos, Denise Marques Oliveira e Milena Duarte Santos. A fonte primária deste conto, nosso texto-base, dá a impressão de conter erros decorrentes de uma impressão apressada, provavelmente para atender à periodicidade do *Jornal das Famílias*; apresenta até mesmo um trecho truncado. Por esse motivo, adotamos muitas das lições de *Relíquias de casa velha* (RCV1938 – v. 2), que parece ter sido mais bem cuidada do que a primeira (de 1937) das edições da W. M. Jackson.

<sup>1</sup> Atuantes em diferentes localidades do Império Português até as primeiras décadas do século XIX, os almotacés eram oficiais que regulavam e fiscalizavam atividades comerciais em cidades e vilas. Em linhas gerais, suas atribuições eram “assegurar o abastecimento e regular as atividades comerciais de vilas e cidades, através da inspeção de feiras, vendas e lojas, cobranças dos devidos impostos, aferição de pesos e medidas e inspeção das condições das mercadorias levadas a público. Também eram os responsáveis pela limpeza e ordenamento urbano, além de fiscalizarem as condições das construções e sua melhor disposição em meio à urbe, submetendo os infratores das disposições municipais a multas e, em alguns casos, encaminhando-os às casas de Cadeia e Câmara para que pudessem prestar contas de seu descumprimento. Nota-se, portanto, que suas funções eram basicamente fiscais, de larga abrangência, atuando nas três esferas de competência supramencionadas.” (ENES, 2010, p. 64.) A vara de almotacé era o instrumento utilizado por esse servidor do Estado Português para realizar medidas de comprimento.

<sup>2</sup> D. Antônio Rolim de Moura Tavares (Portugal, 1709-1782), o conde de Azambuja, ocupou o cargo de vice-rei do Estado do Brasil entre 1767 e 1769.

<sup>3</sup> d'alma,] d'alma – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>4</sup> tanta] tanto – em JF e em RCV1937.

<sup>5</sup> que] que, – em RCV1937 e em RCV1938.

– Mas, senhor compadre, – dizia ela trespassando no alvo seio volumoso o seu lenço de algodão do tear de José Luís, à<sup>6</sup> rua da Vala;<sup>7</sup> não, senhor compadre, justiça, justiça. Eu tinha presunção de me não escapar nada ou pouca coisa;<sup>8</sup> mas confesso que você é muito mais fino do que eu.

– E<sup>9</sup> ainda não sei tudo o que queria, comadre Engrácia, replicou ele com modéstia; há, por exemplo, uma coisa que me quebra a cabeça há quinze dias. Pois olhe que não tenho perdido tempo!

– O que é<sup>10</sup> compadre? – disse ela piscando-lhe os olhos de curiosidade e impaciência. Não é certamente o namoro do sargento-mor<sup>11</sup> Fagundes com a irmã daquele mercador da rua da Quitanda...

– Isso é coisa velha e revelha, respondeu Custódio levantando os ombros com desdém. Se até o irmão da sujeita já deu pela coisa, e mandou dizer ao Fagundes que fosse cuidar dos filhos, se não queria apanhar uma sova de pau. Afinal<sup>12</sup> são lérias do mercador. Quem não sabe que a irmã vivia, ainda há pouco tempo... Cala-te, boca!

– Diga, compadre!

– Nada, não digo. É quase meio-dia, e o feijão lá está à<sup>13</sup> minha espera.

A razão dada pelo almotacé tinha só de verdadeira a coincidência cronológica. Era exato estar próxima a hora do jantar. Mas o verdadeiro motivo de interromper a conversa, que se passava à<sup>14</sup> porta da casa da Sra. Engrácia,<sup>15</sup> foi ter visto o nosso almotacé, ao longe<sup>16</sup> a esbelta figura do Juiz de fora.<sup>17</sup> Custódio Marques despediu-se da comadre e seguiu no encalço do juiz. Logo que se achou a umas oito braças dele, afrouxou o passo e assumiu o ar distraído que até então ninguém pudera imitar. Olhava para o chão, para o interior das lojas, para trás, para todos os lados, menos<sup>18</sup> para a pessoa que era objeto da espionagem e contudo não a perdia de vista, não lhe escapava um único movimento.

---

<sup>6</sup> à] a – em RCV1937.

<sup>7</sup> Atual rua Uruguaiana.

<sup>8</sup> O ditongo “ou”, em “cousa(s)” e “dous”, em JF, em RCV1937 e RCV1938, foi atualizado nesta edição para “oi” – “coisa(s)” e “dois” – em todas as ocorrências. No periódico, há oscilação entre “dous” e “dois”, com predominância de “dois” (quatro ocorrências em cinco); em RCV1937 e RCV1938, a grafia é sempre “dous”.

<sup>9</sup> E] É – em JF.

<sup>10</sup> é] é, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>11</sup> sargento-mor] sargento-mor. – em RCV1937.

<sup>12</sup> Afinal] Afinal, – em RCV1938.

<sup>13</sup> à] a – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>14</sup> à] a – em JF.

<sup>15</sup> Sra. Engrácia,] Sra Engrácia, – em JF; Sra. Engrácia – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>16</sup> ao longe] ao longe, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>17</sup> Magistrado nomeado pelo rei de Portugal. Por vezes, assumia papel político, ao presidir a câmara municipal como representante do poder central. Em JF ocorrem as grafias “juiz de fora” – duas vezes, “Juiz de fora” – oito vezes, e Juiz de Fora – dez vezes. RCV1937 e RCV1938 trazem sempre “Juiz de fora” – forma que adotamos nesta edição. Não registamos essas variantes.

<sup>18</sup> menos] meno – em RCV1937.

O Juiz, entretanto<sup>19</sup> dirigiu-se pela rua da Mãe dos Homens<sup>20</sup> abaixo até à rua Direita,<sup>21</sup> que era onde morava. Custódio Marques viu-o entrar em casa e retrocedeu para a rua.

– Diabo! dizia ele consigo. Naturalmente, vinha de lá... se é? que<sup>22</sup> lá vai de dia... Mas onde é?...<sup>23</sup> Ficaré para outra vez.

O almotacé seguiu a passo rápido para casa, não sem parar alguns minutos nas esquinas, e<sup>24</sup> varrer a rua transversal com o seu par de olhos de lince. Ali chegando, achou efetivamente o jantar na mesa, um jantar corretamente nacional, puro dos deliciosos galicismos que nos trouxe a civilização.

Vieram para a mesa D. Esperança, filha do almotacé, e D. Joana da Purificação, sua irmã, a quem,<sup>25</sup> por morte da mulher de Custódio Marques, coube a honra de reger a casa. Esperança possuía os mais belos olhos negros da cidade. Haveria cabelos mais lindos, boca mais graciosa, tez mais pura. Olhos não;<sup>26</sup> nesse particular<sup>27</sup> podia Esperança medir-se com os mais afamados da colônia. Eram pretos, grandes, rasgados; sobretudo tinham um certo jeito de despedir as setas, capaz de deitar abaixo o mais destro guerreiro. A tia, que a amava em extremo, trazia-a muito abençoada e coberta de mimos; servia-lhe de mãe, camareira e mestra; levava-a às igrejas e procissões, a todas as festas, quando porventura o irmão<sup>28</sup> por motivo do cargo oficial ou do cargo oficioso, não as podia acompanhar.

Esperança beijou a mão ao pai, que a contemplou com olhos cheios de ternura e projetos. Eram estes casá-la<sup>29</sup> e casá-la nada menos que com um sobrinho do Juiz de

---

<sup>19</sup> O Juiz, entretanto] o Juiz, entretanto, – em RCV1937 e em RCV1938. Nessa ocorrência, “entretanto” é advérbio: “nesse ínterim”.

<sup>20</sup> Atual rua da Alfândega.

<sup>21</sup> Atual rua Primeiro de Março.

<sup>22</sup> se é? que] se é que – em RCV1937 e em RCV1938. A pontuação da frase de Machado de Assis – “se é? que lá vai de dia...” – pode ser que faça sentido: tratar-se-ia de uma suspensão do pensamento (indicada pelas reticências) perpassada pela dúvida (indicada pelo ponto de interrogação). Seria algo (um recurso) pertencente ao acervo expressivo da língua portuguesa escrita (do qual não conhecemos outro exemplo na obra de Machado de Assis). Temos deslocamentos semelhantes do ponto de interrogação nas obras de Pedro Nava: “Onde estarão? seus artigos de imprensa sobre os filmes suecos, italianos, franceses, alemães e americanos. Quando aparecerá? um estudioso que os procure em nossas velhas coleções de jornais – para reviver essa – entre as tantas facetas desse prodigioso intelectual.” (Pedro Nava, *Beira-Mar*, 1985, p. 46) Trata-se, neste caso, de uma indagação (indicada pelo ponto de interrogação) contaminada por uma asserção (indicada pelo ponto-final) – que indicaria a convicção do autor de que aquilo um dia aconteceria, ou seja, que a resposta à sua pergunta seria positiva; e, efetivamente, a obra de Aníbal Machado (era dele que Pedro Nava falava) dispersa na imprensa já formou pelo menos duas coleções, ambas publicadas em 1994, ano do centenário de nascimento do escritor – a de Raúl Antelo (*Parque de diversões*, Editora UFMG) e a da editora Graphia (*A arte de viver e outras artes*).

<sup>23</sup> onde é?...] onde é?... – em JF.

<sup>24</sup> e] a – em RCV1938.

<sup>25</sup> D. Joana da Purificação, sua irmã, a quem,] D. Joana da Purificação sua irmã a quem – em JF; D. Joana da Purificação, sua irmã a quem – em RCV1937.

<sup>26</sup> Olhos não;] Olhos, não; – em RCV1938.

<sup>27</sup> nesse particular] nesse particular, – em RCV1938.

<sup>28</sup> irmão] irmão, – em RCV1938.

<sup>29</sup> casá-la] casá-la, – em RCV1938.

fora, homem da nobreza da terra, e noivo muito ambicionado de solteiras e viúvas. O almotacé não alcançava até então enredar o moço nas graças da filha; mas forcejava por isso. Uma coisa o tranquilizava: é que de suas pesquisas não colhera notícia de nenhuma pretensão amorosa da parte do rapaz. Era já muito não ter adversários que combater.

Esperança, entretanto, fazia cálculos muito diferentes, e tratava igualmente de os pôr em execução. Seu coração, ao passo que se não rendia à nobreza do sobrinho do juiz, sentia notável inclinação para o filho do boticário José Mendes, – o jovem Gervásio Mendes, com quem se carteava e palestrava à noite, à janela, quando o pai andava em suas indagações por fora, e a tia jogava a bisca com o sacristão da Sé.<sup>30</sup> Esse namoro de uns quatro meses, não tinha ares de ceder aos planos de Custódio Marques.

Abençoada a filha, e comido o jantar, foi Custódio Marques cochilar a sesta durante meia hora. A tarde gastou-a ao gamão, na botica vizinha, cujo dono, mais insigne naquele jogo que no preparo das drogas,<sup>31</sup> estatelava igualmente os parceiros e os fregueses. A diferença entre os dois é que para o boticário o gamão era um fim, e para o almotacé um meio. Os dedos corriam e o almotacé ia misturando os remoqueiros próprios do jogo com mil perguntas, ora claras, ora disfarçadas, acerca das coisas que lhe convinha saber; e o boticário<sup>32</sup> não hesitava em lhe dar conta das novidades.

Naquela tarde não havia nenhuma. Em compensação, havia um pedido.

– Você, Sr. Custódio, é que me podia fazer um grande favor, disse o boticário.

– Qual?

– Aquele negócio dos chãos da Lagoa.<sup>33</sup> Sabe que o senado da câmara embirra em os tomar para si, quando é positivo que pertencem a meu filho José. Se o Juiz de fora quisesse<sup>34</sup> podia fazer muito neste negócio; e você que é tão íntimo dele...

– Homem, amigo sou, disse Custódio Marques lisonjeado com as palavras do boticário; mas seu filho, deixe-me que lhe diga... sei tudo.

– Tudo o quê?

---

<sup>30</sup> quando o pai andava em suas indagações por fora, e a tia jogava a bisca com o sacristão da Sé.] quando o que andava em suas indagações por fora, assim como a tia jogavam a bisca com o sacristão da sé. – em JF; quando o pai que andava em suas indagações por fora assim como a tia jogavam a bisca com o sacristão da sé. – em RCV1937. A lição da primeira edição deste conto, no *Jornal das Famílias* (1876-1877) apresenta evidente erro (de transcrição do manuscrito?). Acolhemos a correção (provavelmente feita por conjectura) que se encontra na edição em livro (W. M. Jackson, 1938), seguida também pela Nova Aguilar em quatro volumes (2008). A edição Aguilar de 1959, em três volumes, não traz o conto “O astrólogo”.

<sup>31</sup> Machado de Assis menciona, frequentes vezes, em crônicas da série “A Semana”, erros na preparação de medicamentos. A título de exemplo, ver nota 9 de “A Semana – 202” (19 de abril de 1896) e nota 4 de “A Semana – 214” (05 de julho de 1896)”, em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/1090>>.

<sup>32</sup> e o boticário] o boticário – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>33</sup> A Lagoa (da Sentinela), uma laguna rasa que foi aterrada entre 1779 e 1800, correspondia à área atual do Campo de Santana. Localiza-se na confluência das ruas Frei Caneca e Riachuelo, nas proximidades do Mangal de São Diogo, que era uma área de manguezal, existente entre o centro da cidade e São Cristóvão (alterada mais tarde, com a construção do canal do Mangue e da av. Presidente Vargas).

<sup>34</sup> quisesse] quisesse, – em RCV1938.

– Ora! Sei que quando o Conde da Cunha<sup>35</sup> tinha de organizar os terços de infantaria auxiliar, seu filho José<sup>36</sup> não alcançando a nomeação de oficial que desejava, e vendo-se ameaçado de ser alistado na tropa, foi lançar-se aos pés daquela mulher espanhola, que morou na rua dos Ourives...<sup>37</sup> Pois deveras não sabe?

– Diga, diga, Sr. Custódio.

– Lançou-se-lhe aos pés para lhe pedir proteção. A sujeita namorou-se dele; e, não lhe digo nada, foi ela quem lhe emprestou o dinheiro com que ele comprou um privilégio da redenção dos cativos, mediante o qual seu filho livrou-se da farda.<sup>38</sup>

– Que peralta! A mim disse-me ele que o cônego Vargas...

– Isto, Sr. José Mendes, foi muito mal visto pelos poucos que o souberam. Um deles é o Juiz de fora, que é homem<sup>39</sup> severo, apesar...

Custódio Marques engoliu o resto da frase, concluiu-a por outro modo, e saiu prometendo que, em todo caso, iria falar ao juiz. Efetivamente ao anoitecer lá estava em casa deste. O Juiz de fora tratava o almotacé com particular distinção. Era ele o melhor remédio das suas melancolias, o mais serviçal sujeito para tudo quanto fosse de seu agrado. Logo que ele entrou, disse-lhe o dono da casa:

– Ora, venha cá<sup>40</sup> Sr. espião, por que me andou você hoje a acompanhar um longo pedaço de tempo?

Custódio Marques empalideceu; mas foi rápida a impressão.

– O que havia de ser? disse ele sorrindo. Aquilo... aquilo que eu lhe disse uma vez, há dias...

– Há dias?

– Sim, senhor. Ando a ver se descubro uma coisa. V. S., que sempre gostou tanto de moças<sup>41</sup> é impossível que não tenha por aí alguma aventura...

– Deveras? perguntou rindo o Juiz de fora.<sup>42</sup>

– Há de haver alguma coisa; e eu hei de descobri-la. V. S. sabe se eu tenho faro para tais empresas. Só se me jurar que...

---

<sup>35</sup> D. Antônio Álvares da Cunha (c.1700-1791), o conde da Cunha, foi o nono vice-rei do Brasil no período de 1763 a 1767.

<sup>36</sup> José] José, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>37</sup> A rua dos Ourives localizava-se na região central do Rio de Janeiro. No século XVII, nela instalaram-se ourivesarias. Quando foi aberta a avenida Central (atual avenida Rio Branco) e, posteriormente, a avenida Presidente Vargas, a rua dos Ourives foi dividida em duas partes: ao trecho menor, entre São José e Sete de Setembro, deu-se o nome de Rodrigo Silva; ao maior, entre Ouvidor e o largo de Santa Rita, Miguel Couto.

<sup>38</sup> “cativos”: portugueses capturados e mantidos prisioneiros por corsários mouros, que poderiam ser resgatados pelo governo português ou particulares mediante pagamento. No século XVIII, religiosos responsáveis pelo recolhimento das doações para libertação de cativos cristãos podiam isentar os doadores de prestarem serviço militar. (Ver nota a esta passagem do conto “O astrólogo”, por Marta de Senna, em: machadodeassis.net)

<sup>39</sup> homem] o homem – em RCV1937.

<sup>40</sup> venha cá] venha cá, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>41</sup> moças] moças, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>42</sup> Juiz de fora] Juiz fora – em RCV1938

– Não juro, que não é caso disso; mas posso tirar-lhe o trabalho da pesquisa. Vivo com recato, como todos sabem; tenho deveres de família...

– Qual! tudo isso é nada quando um rosto bonito... que ele há de ser bonito por<sup>43</sup> força; nem V. S. é pessoa que se deixe aí levar por qualquer figura... Eu verei o que há. Olhe, o que eu posso afiançar é que o que descobrir cá vai comigo para a sepultura. Nunca fui homem de dar com a língua nos dentes.

O Juiz de fora,<sup>44</sup> riu muito e Custódio Marques passou daquele assunto para o do filho do boticário;<sup>45</sup> mais por descargo de consciência que por verdadeiro interesse. Contudo, é força confessar que a vaidade de mostrar ao vizinho José Mendes que ele podia influir alguma coisa, sempre lhe afiou a língua um pouco mais do que queria. A conversa foi interrompida por um oficial que trazia ao Juiz de fora um recado do Conde de Azambuja. O magistrado leu a cartinha do vice-rei e empalideceu um pouco. Não escapou esta circunstância ao almotacé<sup>46</sup> cuja atenção encarapitou-se toda nos seus olhinhos vivos e perspicazes, enquanto o Juiz dizia ao oficial que não tardaria em obedecer às ordens de S. Exc.<sup>47</sup>

– Alguma importunação, naturalmente, disse Custódio Marques com ar de quem queria ser discreto. São as obrigações do cargo; ninguém foge a elas.<sup>48</sup> V. S. precisa de mim?

– Não, Sr. Custódio.

– Se precisa, não tenha cerimônia. Bem sabe que eu nunca estou melhor do que ao seu serviço. Se quiser um recado qualquer...

– Um recado? repetiu o magistrado como quem efetivamente precisava de mandar algum.

– O que quiser; fale V. S.<sup>49</sup> que há de ser logo obedecido.

O Juiz de fora refletiu um instante, e recusou. O almotacé não teve outro remédio senão deixar a companhia de seu amigo e protetor. Eram nove horas dadas. O Juiz de fora preparou-se para acudir ao chamado do vice-rei; dois escravos, com lanternas,<sup>50</sup> o precederam na rua, enquanto Custódio Marques volvia para casa, sem lanterna<sup>51</sup> apesar das instâncias do magistrado para que aceitasse uma.

---

<sup>43</sup> por] opor – em RCV1937.

<sup>44</sup> O Juiz de fora,] O Juiz de fora – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>45</sup> boticário;] boticário, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>46</sup> almotacé] almotacé, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>47</sup> S. Exc.] S. Ex. – em RCV1937 e em RCV1938. A forma empregada por Machado de Assis na grafia de “Exc.” não é mais utilizada, mas o era no século XIX. Ver: FLEXOR, 2008, p. 175.

<sup>48</sup> elas.] elas, – em RCV1937.

<sup>49</sup> V. S.] V. S., – em RCV1938.

<sup>50</sup> laternas,] lanternas – em RCV1937.

<sup>51</sup> lanterna] lanterna, – em RCV1938.

A lanterna era um obstáculo para o funcionário municipal. Se a iluminação pública, que só começou no vice-reinado do conde de Resende<sup>52</sup> fosse naquele tempo sujeita ao voto do povo, pode-se afirmar que o almotacé lhe seria contrário. A escuridão era uma das vantagens de Custódio Marques. Ele a aproveitava em escutar às portas ou surpreender as entrevistas dos namorados às janelas. Naquela noite porém,<sup>53</sup> mais que tudo o preocupava o chamado do vice-rei e a impressão que ele fez ao Juiz de fora.<sup>54</sup> Que seria? Custódio Marques ia cogitando nisso e pouco no resto da cidade. Ainda assim, pôde ouvir alguma coisa da conspiração de vários devotos do Rosário, em casa do barbeiro Matos, para derribar a atual mesa da Irmandade,<sup>55</sup> e viu sair cinco ou seis indivíduos<sup>56</sup> da casa de D. Emerenciana, à<sup>57</sup> rua da Quitanda, onde ele já havia descoberto que se jogava todas as noites. Um deles, pela fala pareceu-lhe que era o filho de José Mendes.

– Nisto<sup>58</sup> é que se ocupa aquele peralta! dizia ele consigo.

Mas enganava-se o almotacé. Justamente à hora em que da casa de D. Emerenciana saíam os tais sujeitos, despedia-se Gervásio Mendes da formosa Esperança<sup>59</sup> com quem conversara à janela, desde as sete horas e meia. Gervásio queria prolongar a conversa,<sup>60</sup> mas a filha do almotacé pediu-lhe instantemente que fosse, visto ser hora de voltar o pai. Além disso, a tia de Esperança, irritada com cinco ou seis capotes que lhe dera o sacristão, jurava pelas bentas setas do mártir padroeiro<sup>61</sup> nunca mais pegar em cartas. Verdade é que o sacristão<sup>62</sup> filósofo e prático, baralhava as cartas com exemplar modéstia, e vencia o despeito de D. Joana, à força de lhe dizer que a fortuna anda e desanda, e que a partida seguinte bem lhe podia ser adversa. D. Joana entre as cartas e as setas escolheu o que lhe parecia ser menos mortífero.<sup>63</sup>

Gervásio cedeu também às rogativas da<sup>64</sup> Esperança.

<sup>52</sup> Resende] Resende, – em RCV1937 e em RCV1938. Dom José Luís de Castro Resende (1744-1819), segundo conde de Resende, foi o 13º vice-rei do Brasil em 1789. Durante seu mandato ocorreu a Conjuração Mineira (e Tiradentes foi executado). Esforçou-se para melhorar as condições sanitárias do Rio de Janeiro.

<sup>53</sup> Naquela noite porém,] Naquela noite, porém, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>54</sup> ao Juiz de Fora.] no Juiz de fora. – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>55</sup> Por “mesa da Irmandade” entenda-se: “Diretoria da Irmandade”. As Irmandades (religiosas) exerceram papel fundamental na formação da sociedade brasileira, pois organizavam a assistência social da Igreja no período Colonial e durante o Império. (Ver nota a esta passagem do conto “O astrólogo”, por Marta de Senna, em: machadodeassis.net)

<sup>56</sup> indivíduos] indivíduos – em JF.

<sup>57</sup> à] a – em RCV1937.

<sup>58</sup> Nisto] Nisso – ver em 1938.

<sup>59</sup> Esperança] Esperança, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>60</sup> conversa;] conversa – em RCV1937; conversa, – em RCV1938.

<sup>61</sup> Referência a São Sebastião (III d.C.), mártir da Igreja Católica.

<sup>62</sup> sacristão] sacristão, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>63</sup> Alusão ao fato de que S. Sebastião não morreu das setas com que a iconografia o representa (portanto, elas não lhe foram mortíferas); posteriormente, tendo-se apresentado ao imperador romano, foi açoitado até à morte, por volta do ano 284. (ARNS, 1985, p. 35-36)

<sup>64</sup> da] de – em RCV1937 e em RCV1938.

– Sobretudo, dizia esta, não fiques zangado com papai por ele haver dito.....<sup>65</sup>

– Oh! se tu souberes o que foi! interrompeu o filho do boticário.<sup>66</sup> Foi uma calúnia, mas tão torpe que não te posso repetir. Estou certo de que o Sr.<sup>67</sup> Custódio Marques não a inventou; repetiu-a somente e fez mal. E foi por culpa dele que meu pai me ameaçou hoje com uma sova de pau. Pau<sup>68</sup> a mim! E por causa do Sr.<sup>69</sup> Custódio Marques!

– Mas ele não te quer mal.....<sup>70</sup>

– Eu sei lá!

– Não quer, não, insistiu a moça com meiguice.

– Pode ser que não; mas com os projetos que tem a teu respeito, se vier a saber que tu gostas de mim... E daí pode ser que tu mesma cedas e cases com o...

– Eu! Nunca! Antes meter-me freira.

– Juras?

– Gervásio!

Estalou um beijo que fez levantar a cabeça à tia Joana, e que o sacristão explicou dizendo que lhe parecia o chiar de um grilo. O grilo arrancou-se enfim<sup>71</sup> à companhia da gentil Esperança<sup>72</sup> e tinha já tempo de estar acomodado na sua alcova, quando Custódio Marques chegou a casa. Achou tudo em paz. D. Joana levantava a banca do jogo, o sacristão despedia-se.<sup>73</sup> Esperança recolhera-se ao seu quarto. O almotacé encomendou-se aos santos de sua devoção, e dormiu na paz do Senhor.

A palidez do Juiz de fora não saiu, talvez, da cabeça do leitor; e, tanto como o almotacé, está ele curioso de saber a causa do fenômeno. A carta do vice-rei dizia respeito a negócio do Estado. Era lacônica; mas terminava com uma frase mortal para o magistrado. “Pode ser que o serviço de S. Majestade<sup>74</sup> exija de V. S. uma jornada de algumas semanas. Venha ter comigo imediatamente.” Se o Juiz de fora fosse obrigado ao serviço extraordinário de que lhe falava o Conde de Azambuja, interrompia-se um romance, começado cerca de dois meses antes, em que era protagonista uma interessante viuvinha de vinte e seis estios. Esta viuvinha era da província de Minas

---

<sup>65</sup> dito.....] dito... – em RCV1937 e em RCV1938. Em Machado de Assis, o número de pontos das reticências frequentemente têm valor expressivo. Ver: MIRANDA, José Américo, PINTO, Nilton de Paiva, 2022, p. 281-298; e MIRANDA, José Américo, PINTO, Nilton de Paiva, 2023.

<sup>66</sup> o filho do boticário.] o filho do barbeiro. – em JF e em RCV1937 e em RCV1938. Esta correção, que adotamos, foi identificada na edição W. M. Jackson de 1951 (sem a informação de quem a teria feito). Não sabemos, entretanto, se, antes da edição de 1951, a correção já havia sido feita. Essa emenda se justifica pelo próprio texto do conto, que, em passagem anterior, mencionara o namoro de Esperança com o filho do boticário.

<sup>67</sup> Sr.] S. – em JF.

<sup>68</sup> Pau] Pau, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>69</sup> Sr.] sr. – em RCV1938.

<sup>70</sup> mal.....] mal... – em RCV1937 e em RCV1938. Ver nota 65.

<sup>71</sup> arrancou-se enfim] arrancou-se, enfim, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>72</sup> Esperança] Esperança, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>73</sup> despedia-se.] despedia-se, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>74</sup> Quando foi vice-rei o conde de Azambuja (1767-1769), o monarca de Portugal era d. José I (1714-1777), que reinou de 1750 a 1777.



Gerais; descera da terra natal para entregar em mão do vice-rei uns papéis que queria submeter a Sua Majestade, e ficou presa nas maneiras obsequiosas do Juiz de fora.

Alugou casa perto do convento da Ajuda,<sup>75</sup> e ali estava morando, a título de ver a Capital. O romance assumiu proporções grandes, complicou-se o enredo, avultaram as descrições e as peripécias, e a obra ameaçava estender-se a muitos volumes. Nestas circunstâncias exigir do magistrado que se alongasse da capital algumas semanas, era exigir o mais difícil e aspérrimo. Imagine-se com que alma saiu dali o magistrado.

Qual fosse o negócio de Estado que obrigou aquele chamado noturno, não o sei eu, nem importa sabê-lo. O essencial é que durante três dias ninguém arrancou um sorriso aos lábios do magistrado, e que no terceiro dia voltou-lhe<sup>76</sup> a alegria mais espontânea e viva, que até ali tivera. Adivinha-se que a necessidade da jornada desapareceu e que o romance não ficava truncado.

O almotacé foi dos primeiros que viram esta mudança. Preocupado com a tristeza do Juiz de fora, não menos o ficou ao vê-lo novamente satisfeito.

– Não sei qual foi o motivo da tristeza de V. S.<sup>77</sup> disse ele, mas espero mostrar-lhe quanto me alegro com vê-lo tornado às<sup>78</sup> suas usuais venturas.

Efetivamente, o almotacé tinha dito à filha que era necessário dar um mimo qualquer, de suas mãos, ao Juiz de fora, com quem, se a fortuna a ajudasse, viria a<sup>79</sup> ser aparentada. Custódio Marques não viu o golpe que a filha recebeu com esta palavra; exigia o cargo municipal que ele fosse dali a serviço, e foi, deixando a alma da menina doente de maior aflição.

Entretanto, a alegria do Juiz de fora era tal, e tão agudo se ia tornando o romance, que já o feliz magistrado observava menos as costumadas cautelas. Um dia, cerca das seis horas da tarde<sup>80</sup> passando o almotacé pela rua da Ajuda, viu sair de uma casa, de nobre aparência, a venturosa figura do magistrado. Sua atenção encrespou as orelhas; e os olhos perspicazes faiscaram de contentamento. Haveria ali um fio? Logo que viu longe o Juiz de fora, aproximou-se da casa, como farejando; dali foi à<sup>81</sup> loja mais próxima, onde soube que na dita casa morava a interessante viúva mineira. A eleição de vereador ou um presente de quatrocentos africanos, não o contentaria mais.

– Tenho o fio! dizia ele consigo. Resta-me ir ao fundo do labirinto.

Daí em diante, não houve assunto que distraísse o espírito investigador do almotacé. De dia e de noite, vigiava a casa da rua da Ajuda, com pertinácia e

---

<sup>75</sup> O convento da Ajuda, das freiras da Ordem da Conceição, situava-se no largo do mesmo nome, atual Cinelândia, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, onde hoje é o palácio Pedro Ernesto, sede do Poder Legislativo municipal. O convento foi demolido no início do século XX.

<sup>76</sup> dia voltou-lhe] dia – voltou-lhe (com travessão antes de “voltou-lhe”) – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>77</sup> V.S.] V.S., – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>78</sup> às] as – em JF.

<sup>79</sup> viria a] a viria a – em JF.

<sup>80</sup> tarde] tarde, – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>81</sup> à] a – em RCV1937.

dissimulação raras; e tão feliz foi que, no fim de cinco dias, tinha certeza de tudo. Auxiliou-o nisso a indiscrição de alguns escravos. Uma vez sabedor da aventura, deu-se pressa em correr à casa do Juiz de fora.

– Ainda agora aparece! exclamou este logo que o viu entrar.

– V. S. fez-me a honra de mandar chamar?

– Há meia hora que andam dois emissários em sua procura.

– Eu estava em serviço de V. S.<sup>82</sup>

– Como?

– Não lhe dizia eu que havia de descobrir alguma coisa? perguntou o almotacé piscando os olhos.

– Alguma coisa!

– Sim, aquilo... V. S. sabe a que me refiro... Meteu-se-me em cabeça que V. S. não podia escapar-me.

– Não compreendo.

– Não compreende V. S. outra coisa; disse Custódio Marques<sup>83</sup> deliciando-se com o repassar do ferro na curiosidade do protetor.

– Mas, Sr. Custódio, trata-se...

– Trate-se do que se tratar; declaro a V. S. que sou de segredo, e por isso nada direi a ninguém. Que ele havia<sup>84</sup> de haver algum bico d'obra,<sup>85</sup> era verdade; andei à espreita, e afinal descobri a moça... a moça da rua da Ajuda.

– Sim?

– É verdade. Fiz a descoberta há dias; mas não vim logo porque queria certificar-me bem. Agora, posso dizer-lhe que... sim senhor... aprovo. É muito bonita.

– Andou então na investigação dos meus passos?...

– V. S. compreende que não há outra intenção...

– Pois, Sr. Custódio Marques, mandei-o chamar por toda a parte, visto que há cerca de três quartos de hora tive notícia de que sua filha fugiu de casa...

O almotacé<sup>86</sup> deu um pulo; seus dois olhinhos cresceram desmesuradamente; a boca, aberta, não ousava proferir uma só palavra.

– Fugiu de casa, continuou o magistrado, segundo notícia que tenho, e creio que...

---

<sup>82</sup> V.S.] V.S.. – em RCV1937.

<sup>83</sup> Custódio Marques] Custódio Alves – em JF.

<sup>84</sup> Sobre o pronomes sujeito dos verbos impessoais, observou José Galante de Sousa (1954, p. 68): “Raramente vem claro, em autores modernos, o pronomes sujeito dos verbos impessoais. Do próprio Machado de Assis podem citar-se mais estes dois exemplos: ‘Que ele também há eleições no Amazonas.’ (*Relíquias de Casa Velha*, 1906, p. 145); ‘Ele não há ferro nem fogo, corda nem veneno, e todavia as saudades expiram...’ (*Esaú e Jacó*, 1904, p. 182).” Marta de Senna, em machadodeassis.net, anotou: “A forma ‘ele há’ (equivalente ao francês ‘il y a’), significando ‘há’, ‘existe’, é encontrada em Portugal, na fala do povo, ainda no século XIX.”

<sup>85</sup> bico d'obra: tarefa trabalhosa, custosa, complicada. Ver: RAMALHO, 1985, p. 89.

<sup>86</sup> almotacé] almotocé – em JF.

– Mas com quem? com quem?<sup>87</sup> para onde? articulou enfim o almotacé.

– Fugiu com o Gervásio Mendes.

– O Gervásio! Mas para onde?<sup>88</sup>

– Vão na direção da Lagoa da Sentinela...

– Sr. Dr...<sup>89</sup> peço-lhe perdão, mas, bem sabe... bem sabe...

– Vá, vá...

Custódio Marques não atinava com o chapéu. Deu-lho o Juiz de fora.

– Corro...<sup>90</sup>

– Olhe a bengala.<sup>91</sup>

O almotacé recebeu a bengala.

– Obrigado! Quem tal diria! Ah! nunca pensei... que minha filha, e aquele peralta... Deixe-os<sup>92</sup> comigo...

– Não perca tempo.

– Vou... vou.

– Mas, olhe cá, antes de ir. Um astrólogo contemplava os astros, com tamanha atenção, que caiu num poço. Uma velha da Trácia, vendo-o cair, soltou esta exclamação: “Se ele não via o que lhe estava aos pés<sup>93</sup> para que havia de investigar o que lá fica tão em cima!”<sup>94</sup>

O almotacé compreenderia o apólogo, se pudesse ouvi-lo. Mas não ouviu nada. Desceu as escadas a quatro e quatro bufando como um touro.<sup>95</sup> *Il court encore.*<sup>96</sup>

<sup>87</sup> Mas com quem? com quem?] Mas com quem? – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>88</sup> RCV1938 não traz esta linha (fala do almotacé).

<sup>89</sup> Sr. Dr...] Sr. Dr.... – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>90</sup> Corro...] Corra... – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>91</sup> bengala.] bengala! – em RCV1937 e em RCV1938.

<sup>92</sup> Deixe-os] Deixei-os – em RCV1937.

<sup>93</sup> pés] pés, – em RCV1938.

<sup>94</sup> O episódio a que se refere a fábula *O astrólogo* – “una de las versiones más antiguas del motivo del filósofo distraído” (PLATÓN, 1988, p.240), e parte do anedotário popular da Antiguidade – é tradicionalmente associado ao filósofo grego Tales de Mileto (VII-VI a.C.). No mundo antigo, o termo “astrólogo” designava o que, atualmente, identificamos com “astrólogo” e “astrônomo”, pois não havia separação entre ciência e misticismo. O episódio pode ser lido em *O astrólogo* de Esopo (620-564 a.C.) – que transcrevemos a seguir: “o astrólogo // O astrólogo, saindo toda vez ao entardecer, tinha o costume de examinar as estrelas. Pois bem: certa vez, perambulando até as cercanias e com toda a atenção voltada para o céu, sem perceber caiu num poço. Enquanto gemia e gritava, alguém que passava, ao ouvir seus lamentos, aproximando-se e descobrindo o que tinha acontecido, disse para ele: ‘Ei, você, que pretende contemplar o que está no céu: o que está sobre a terra você não vê?’ // *Essa história alguém poderia aplicar àqueles seres humanos que se pavoneiam das suas excentricidades, mas não conseguem realizar o que é corriqueiro.*” (Tradução de André Malta, in: ESOPPO, 2017, p. 113) Esse mesmo episódio é referido em um dos diálogos do *Teeteto* (174a) de Platão (428-347 a.C.). A biblioteca particular de Machado, segundo levantamento realizado por Jean-Michel Massa (2001, p. 36-76), não continha a obra de Esopo, o que não impede que Machado de Assis o tenha lido, mas apresenta a obra de La Fontaine (1621-1695) em três volumes. Machado de Assis citara este episódio também no romance *Ressurreição* (2008, v. 1, cap. V, p.255), cuja primeira edição é de 1872.

<sup>95</sup> Em RCV1937 e em RCV1938, a frase francesa constitui outro parágrafo. Em JF a frase vem na linha seguinte, mas sem abrir novo parágrafo.

<sup>96</sup> “No conto, é provável que haja uma referência ao fim do capítulo IV do romance de George Sand (pseudônimo masculino de Aurore Dupin, 1804-1876), *La comtesse de Rudolstadt* (1843): ‘*Trenck s’est enfié de la forteresse de Glatz; il se sauve, il court, il court encore!...*’ (‘Trenck fugiu da fortaleza de Glatz; **ele** se salva, corre, **ainda corre!**’)” [Nota elaborada pela equipe do site machadodeassis.net. Disponível em: <<https://machadodeassis.net/texto/o-astrologo/51660>>.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

JF – *Jornal das Famílias*.

RCV1937 – *Relíquias de casa velha*, edição da W. M. Jackson, 1937.

RCV1938 – *Relíquias de casa velha*, edição da W. M. Jackson, 1938.

### Referências

ARNS, Cardeal. *Santos e heróis do povo*. São Paulo: Paulinas, 1985.

ASSIS, Machado de. O Astrólogo. *Jornal das Famílias*: publicação ilustrada, recreativa, artística, Rio de Janeiro, n. 11, p. 331-335, 1876. Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339776&pasta=ano%20187&pesq=o%20astrologo&pagfis=5122>>.

ASSIS, Machado de. O Astrólogo. *Jornal das Famílias*: publicação ilustrada, recreativa, artística, Rio de Janeiro, n. 12, p. 353-355, 1876. Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339776&pasta=ano%20187&pesq=o%20astrologo&pagfis=5144>>.

ASSIS, Machado de. O Astrólogo. *Jornal das Famílias*: publicação ilustrada, recreativa, artística, Rio de Janeiro, n. 1, p. 11-13, 1877. Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339776&pasta=ano%20187&pesq=o%20astrologo&pagfis=5189>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*. São Paulo: W. M. Jackson, 1937. 2v.

ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*. São Paulo: W. M. Jackson, 1938. 2v.

ENES, Thiago. *De como administrar cidades e governar impérios: almotacaria portuguesa, os mineiros e o poder (1745-1808)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFF, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ESOPHO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*. Seleção, tradução e apresentação de André Malta; tradução e apresentação do Romance de Esopo por Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2023.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MACHADO, Aníbal. *A arte de viver e outras artes*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

MACHADO, Aníbal. *Parque de diversões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.

MASSA, Jean-Michel. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MIRANDA, José Américo, PINTO, Nilton de Paiva. Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 5, n. 9, p. 281-298, jan.-jun. 2022.

MIRANDA, José Américo, PINTO, Nilton de Paiva, A primeira resenha crítica de Machado de Assis: ela significa alguma coisa? *Machado de Assis em Linha*, v. 16, 2023. disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mael/i/2023.v16/>>.

NAVA, Pedro. *Beira-mar: memórias* 4. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PLATÓN. *Diálogos V: Parménides, Teeteto, Sofista, Político*. Traducciones, introducciones y notas por M. Isabel Santa Cruz, Álvaro Vallejo Campos, Néstor Luis Cordero. Madrid: Gredos, 1992.

RAMALHO, Ênio. *Dicionário estrutural, estilístico e sintático da língua portuguesa*. Porto: Livraria Chardron, 1985.

SOUSA, J. Galante de. Notas. In: *Sales*. Rio de Janeiro: Simões, 1954. p. 67-68.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.